

A percepção da paisagem urbana de Santa Maria-RS e os sentimentos de topofilia e topofobia de seus moradores*

Alcionir Pazatto Almeida², Maria da Graça Barros Sartori³

²Mestre em Geografia pela UFSM, RS

³Prof^a. Dr^a. do curso de pós-graduação em Geografia da UFSM
e-mail: alcionirpazatto@yahoo.com.br; bsartori@zaz.com.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar e interpretar os sentimentos topofílicos e topofóbicos dos santamarienses para com a paisagem urbana do bairro Centro de Santa Maria-RS. Os entrevistados foram aleatoriamente convidados a apresentarem suas percepções individuais sobre a paisagem urbana do bairro, através de um formulário de entrevista, com perguntas abertas e fechadas, composto por duas partes. Em relação à paisagem topofílica a de maior consenso é a da Praça Saldanha Marinho que fora lembrada por 45 dos 150 entrevistados, seguida pela paisagem do Calçadão Salvador Isaia e pela paisagem do Parque Itaimbé. Embora a paisagem da Praça tenha sido eleita a mais agradável do bairro, ela também foi lembrada como um cenário que evoca sentimentos topofóbicos para 24 dos 150 entrevistados, seguida pela paisagem do Calçadão e da antiga Rua 24 Horas. Esse sentimento antagônico pode ser compreendido pelo fato de que psicologicamente cada pessoa tem uma percepção individual do meio ambiente e de sua qualidade, pois, biologicamente, a percepção está limitada por condições anatômicas e fisiológicas do homem e é processada dentro de valores culturais, geográficos e históricos. Entre os marcos espaciais que hoje emergem como símbolos (ícones) da paisagem urbana de Santa Maria está a imagem do Calçadão Salvador Isaia, mencionado por 27,3% dos entrevistados.

Palavras-chave: percepção; paisagem urbana; geografia.

*Este artigo é parte da dissertação de mestrado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Geografia da UFSM, RS, Brasil, no ano de 2007.

Abstract

The main objective of this work is to analyze and interpret the inhabitants' topophilic and topophobic feelings about downtown Santa Maria-RS. The participants interviewed were randomly invited to give their own perception about the urban landscape of the downtown sector, in an interview form with both open and closed questions and divided into two parts. In relation to the topophilic landscape, the Saldanha Marinho Square is a consensus remembered by 45 of the 150 interviewed individuals, followed by the landscape of Calçadão Salvador Isaia and the landscape from the Itaimbé Park. Though the Saldanha Marinho Square was elected the most pleasant landscape, it also brings up a topophobic feeling to 24 from the 150 interviewed individuals followed by the Calçadão landscape and the old 24 Hours Street. This antagonist feeling can be understood by the fact that psychologically each person has a unique perception of the environment and of its quality, because the perception is biologically limited by man anatomic and physiological condition and, it is processed into cultural, geographical and historical values. Among the different landscape spatial marks that come up as symbols (icons) of Santa Maria urban landscape, it is the image from the Calçadão Salvador Isaia, mentioned by 27,3% of the interviewed individuals.

Key words: perception; urban landscape; geography

1. Introdução

A paisagem, enquanto categoria de análise geográfica tem no decorrer do tempo variado a sua importância e o seu significado. Segundo Cabral (2000), em alguns momentos da história ela foi capaz de dar unidade e identidade a ciência geográfica, em outros ficou relegada a um segundo plano, perdendo sua hegemonia para outras categorias de análise, tais como as de região, espaço, território e lugar. Nas últimas duas décadas do século XX, ocorreu uma retomada dos conceitos de paisagem entre diferentes profissionais, como geógrafos, arquitetos e urbanistas. Deste então, o termo paisagem vem sendo codificado de diferentes formas, cujas denominações variam de paisagem urbana, rural, turística, natural, entre outras.

Sabe-se que o estudo da paisagem é amplo e interdisciplinar, principalmente quando é abordada num viés humanista do conhecimento geográfico, cujas bases estão fundamentadas pelo aporte filosófico da fenomenologia/existencialista.

É nesta abordagem humanista, em que a valorização dos aspectos subjetivos e a experiência de vida dos indivíduos são aceitos como fontes de conhecimento, é que surgiu a ideia central deste trabalho que busca entender a paisagem urbana de Santa Maria-RS mediante os sentimentos

de topofilia e topofobia de seus moradores.

A escolha pelo tema deve-se ao fato de que, hoje, a *paisagem urbana* é um marco visual do mundo moderno, pois se encontra materializada em praticamente todos os países do mundo. Acredita-se que o aumento da urbanização tem ocasionado nas cidades um número cada vez maior de edificações, ruas, negócios, pessoas, etc, desencadeando no ambiente urbano, situações caóticas e estressantes. Onde o homem, sendo parte integrante deste cenário, vive, percebe e sente simultaneamente os objetos ao seu redor. Portanto, foi visando entender os sentimentos e idéias que os santamarienses têm acerca de sua paisagem urbana que os objetivos desta investigação foram estabelecidos:

1) Verificar quais são os elementos da paisagem urbana do bairro Centro de Santa Maria que causam sentimentos Topofílicos (agradáveis) na população urbana da cidade; 2) Diagnosticar se existem paisagens ou cenários do bairro Centro da cidade que causam sentimentos de Topofobia (aversão) para a população urbana; 3) Determinar qual é o marco visual (símbolo) da paisagem urbana que melhor identifica o bairro Centro da cidade.

2. Fundamentos teóricos

2.1 A percepção em Geografia

Essa abordagem do pensamento geográfico ganhou força a partir da década de 1960, quando vários geógrafos, assim como pesquisadores de áreas afins adotaram a percepção geográfica como fonte de análise e estudo. Neste sentido, Stefanello; Silveira (2005) ressaltam que inicialmente a Escola Clássica Francesa considerou mais a percepção do que a Escola Alemã e a Norte-americana, fato explicado pelo caráter behaviorista que predominava nestes dois últimos países. Na França, de acordo com estes mesmos autores os principais precursores dos estudos de percepção em geografia foram: Deffontaines (1968), Gallais (1967), Rochefort (1961), Dardel (1950), Frémont (1968) e Collot (1950).

Essa abordagem do conhecimento geográfico teve inicialmente suas bases na Geografia cultural de Carl Sauer, e ficou denominada num primeiro instante de Geografia da Percepção e do Comportamento, para só depois, mais tarde ser efetivamente consagrada de Geografia Humanista.

Segundo Holzer (2001, p. 107), “é no artigo *Space and Place: Humanistic Perspectiv* de Tuan (1974) que ocorre uma verdadeira guinada teórico-metodológica nos estudos geográficos desta natureza”, pois segundo ele, até aquele momento as incursões no campo da Percepção Ambiental dedicavam-se a análise dos mundos pessoais, sobretudo, a partir da psico-

logia, em particular da teoria do aprendizado de Piaget.

A partir deste artigo, conceitos importantes foram definidos e começaram ser utilizados nos estudos de percepção geográfica, como os de topofilia e topofobia que ajudaram a fundamentar a Geografia Humanista que apresenta como referência epistemológica a fenomenologia.

De acordo com Tuan (1980, p.105) o termo “topofilia consiste no elo afetivo que a pessoa ou um determinado grupo social têm em relação ao lugar ou ao ambiente físico”. Enquanto que o de topofobia está intrínseco aos sentimentos de desafeto e aversão que as pessoas têm para com determinados lugares, espaços ou mesmo paisagens (Tuan, 1980).

2.2 A fenomenologia

De acordo com Giles (1975), foi Husserl que proporcionou o instrumento metodológico da Fenomenologia, embora esta, possua raízes mais antigas como em Kant e em Hegel. Ela é definida como sendo uma filosofia que descreve um fenômeno a partir da percepção e experiência, manifestada pelos indivíduos que convivem com o fenômeno no tempo e no espaço e o interpretam segundo as leis do seu conhecimento ou da sua consciência.

Para Suertegaray (2005), a fenomenologia na ciência geográfica se expressa no conceito de *geograficidade* que consiste nas experiências de vida em relação ao espaço e ao tempo; na maneira do homem relacionar-se com os objetos e com as pessoas ao seu redor. Sendo, portanto, uma dimensão espacial da experiência humana que começa desde o nascimento, e que torna-se cada vez mais ampla e complexa com o passar do tempo.

2.3 A percepção da paisagem na Geografia

Comumente definida como uma porção do espaço apreendida com o olhar, a paisagem segundo Cabral (2006) deve ser considerada como objeto de cunho sensorial e estético. Sendo assim, deve-se reconhecer que a visão, essencial para a percepção das paisagens, não se limita a receber passivamente os estímulos externos, mas os organiza para lhes atribuir sentido (interpretação). Neste sentido, Meinig (2002, p. 35), destaca que “qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes”.

De acordo com Carlos (1992) ao fechar os olhos e deixar a imaginação andar pela cidade, inicialmente se vê o perceptível, o concretamente visível: prédios, casas, ruas, o boteco da esquina etc. Que se apresentam de maneira diferenciada, pois são diferentes entre si. Paralelo a isto, não se pode deixar de pensar que existe todo o movimento peculiar à paisagem urbana, um “vai e vem” de carros e pessoas, ruídos diversos e de intensidades diferentes, que somados formam uma paisagem genuinamente urbana.

A paisagem urbana é fruto de obra coletiva produzida pela sociedade e, por isto, contempla todas as dimensões humanas. Nesta idéia a paisagem revela-se cheia de vida, assim como expressa sentimentos contraditórios, paixões e emoções. As marcas do tempo, impressas na paisagem revelam uma construção histórica cheia de arte e lembrança que são facilmente identificadas por aqueles que ali vivem, pois o lugar é o espaço da vida.

3. Metodologia

Para verificar as sensações topofílicas e topofóbicas da população santamariense para com a sua paisagem urbana teve-se como indicador espacial o bairro Centro da cidade, que foi escolhido devido as suas peculiaridades históricas e urbanas e por representar uma área onde o processo de urbanização é mais intenso.

Neste trabalho, a metodologia adotada foi a proposta por Whyte (1977) e igualmente utilizada por Sartori (2000), que sugeriu adotar um triângulo metodológico de pesquisa formado pela tríade *observando, perguntando e ouvindo e registrando*.

Nesta pesquisa, o tratamento metodológico realizou-se em três etapas: Na *primeira* foi feito um reconhecimento empírico do bairro Centro, através de percurso realizado a pé pelo próprio pesquisador, que munido de um bloco de papel, anotou os pontos que melhor servissem para coleta dos dados.

Delimitada a área e estabelecido os pontos coletores, partiu-se então para a aplicação de uma pesquisa-piloto (teste), que serviu para verificar se os pontos coletores e as perguntas contidas no formulário de entrevista estavam adequados aos objetivos do trabalho.

Concluída a pesquisa-piloto, partiu-se então para a *segunda* fase onde os santamarienses abordados pela pesquisa foram convidados a apresentarem suas percepções individuais sobre a paisagem urbana do bairro Centro da cidade, através do formulário de entrevista composto de duas partes. A primeira composta por questões fechadas, abordou dados pessoais dos sujeitos, a saber: o nome, sexo, idade, tempo de residência na cidade, local de moradia e trabalho, grau de escolaridade e frequência semanal com que a pessoa vai ao Centro da cidade.

A segunda parte é composta por sete perguntas abertas, cujas questões formuladas são as seguintes: 1) Para você, qual é a paisagem urbana do bairro Centro de Santa Maria que mais lhe agrada? ; 2) Por quê? Estas perguntas, embora separadas complementam-se entre si, pois visam não só diagnosticar a paisagem urbana topofílica do entrevistado, como também os valores atribuídos a sua escolha. 3) Enumere, em seqüência de preferência, pelo menos três paisagens que lhe chame atenção; 4) Por quê? Estas

perguntas foram feitas justamente para verificar se existe ou não mais de uma paisagem topofílica no bairro Centro da cidade. 5) Qual é a paisagem urbana do bairro Centro de Santa Maria que menos lhe agrada?; 6) Por quê? As perguntas de número cinco e seis serviram para verificar qual é a paisagem topofóbica do inquirido e os valores e sentimentos atribuídos a ela que culminaram em sua escolha. 7) Feche os olhos e pense na paisagem urbana do bairro Centro da cidade, o que você lembra? Destaca-se que tal pergunta foi utilizada por Lynch (1960) em seu trabalho sobre “A Imagem da Cidade” e por Bley (1982) em seu estudo sobre “A Percepção do Espaço Urbano: O Centro de Curitiba”, e serviu para obter a paisagem urbana mais significativa do bairro Centro da cidade, portanto, a imagem símbolo da mesma.

Em relação ao tamanho da amostra utilizada (nº. de entrevistados) não se encontrou na bibliografia consultada um número consenso que pudesse ser considerado como o mais indicado, pois varia de acordo com as necessidades, objetivos e locais de cada trabalho.

A partir deste entendimento foi fixado um total de 150 sujeitos, número considerado suficiente para que os objetivos propostos fossem alcançados a contento. A coleta dos dados foi realizada pelo próprio pesquisador durante os meses de novembro e dezembro de 2006 e efetuada em diferentes horários do dia, tendo como locais de coleta a Praça Saldanha Marinho, o Calçadão da Bozano, o Santa Maria Shopping e a Praça Saturnino de Brito. A seleção dos 150 entrevistados seguiu alguns critérios, tais como: que fossem pessoas de ambos os sexos, com mais de 15 anos de idade, que residissem em Santa Maria a mais de cinco anos e que more, trabalhe ou use, de alguma forma, o setor mais urbanizado da cidade (centro).

Coletado os dados partiu-se para a *terceira* fase da pesquisa, onde as informações obtidas foram tabuladas mediante respostas semelhantes, quantificadas, analisadas e interpretadas em seu significado. Para identificar as paisagens que mais despertam sentimentos topofílicos e topofóbicos nos moradores santamarienses considerou-se apenas as paisagens citadas por no mínimo cinco pessoas. Esta decisão é justificada pelo fato de que não se pretende buscar a idéia individual que cada indivíduo tem da paisagem urbana de Santa Maria, mas sim, a imagem coletiva que um determinado grupo de pessoas tem do cenário urbano em estudo.

4. Análise e discussão dos resultados

4.1 O perfil dos entrevistados

Dos 150 entrevistados pela pesquisa 85 são do sexo feminino e 65 do masculino. O maior número de mulheres entrevistadas deve-se ao fato

de terem sido elas, as mais compreensivas e dispostas em colaborar com a pesquisa. A maioria das pessoas abordadas pela pesquisa possui idades entre 15 e 33 anos; e moram na cidade entre 15 e 24 anos. Ao se considerar o grau de instrução dos entrevistados, pode-se constatar que a maioria deles (43%) tem o Ensino Médio completo seguido pelos de nível Superior completo (14%). No que se refere à profissão exercida pelos entrevistados, a pesquisa aponta um número diversificado de funções, entre elas a de maior expressão é a de estudante, seguida pelos comerciários e serviços gerais. Observa-se que as profissões mais citadas representam de alguma forma as características funcionais da cidade que, de acordo com a FEE (2005), estão intrinsecamente vinculadas ao setor terciário (comércio e prestação de serviços), que absorvem 80% da população economicamente ativa do município.

No que diz respeito ao número de vezes que os entrevistados frequentam o centro da cidade, observa-se que todos vão pelo menos uma vez por semana e têm como principal meio de transporte o coletivo.

4.2 Análise topofílica da paisagem urbana de Santa Maria

4.2.1 A paisagem da Praça Saldanha Marinho

A paisagem topofílica mais referida do bairro Centro de Santa Maria é a da Praça Saldanha Marinho, ela foi mencionada por 45 dos 150 entrevistados. A maioria das justificativas apresentadas pela escolha (15 delas), destaca a posição geográfica em que a praça se encontra (na parte mais central da cidade, perto de tudo) e o fato dela ser arborizada.

Salienta-se que grande parte das pessoas que a elegeram, trabalham no comércio da cidade, cujos estabelecimentos encontram-se localizados nas imediações da Praça Saldanha Marinho. De acordo com elas, são nas horas de folga que a grande maioria utiliza-se da praça para ler, distrair-se, aliviar o estresse do trabalho ou mesmo para refletir sobre a vida.

Oito dos 45 entrevistados, além de concordarem com o fator localização já apontado, acrescentam também alguns aspectos que, segundo suas percepções, tornam a paisagem da praça mais agradável e atraente. Entre estes aspectos destacam-se: o chafariz da praça, o enorme pé de seringueira, as três-marias sobre o coreto, principalmente em época de floração e dois pés-de-coqueiros (Figura 1).

Ao considerar os fatores que influenciam diretamente na percepção, pode-se constatar que as justificativas apresentadas estão em consonância com as idéias de Machado (1999), quando esta argumenta de que cada pessoa percebe seletivamente ao que lhe interessa, ao que está habituado a observar de acordo com o seu contexto sociocultural.

Trata-se, portanto, de uma interação com o lugar ou com a paisagem carregada de grande afetividade, podendo, a partir daí, julgar se uma paisagem é bela ou feia não apenas pela sua aparência, mas também pelas aspirações e necessidades de cada um.



Figura 1. Fotografia dos elementos que chamam atenção na paisagem da Praça Saldanha Marinho, Chafariz, pé-de-seringueira e floração das três-marias no coreto.
Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, fev. de 2007.

Analisando ainda as respostas obtidas com o porquê de acharem a Praça Saldanha Marinho a paisagem mais agradável, sete pessoas justificaram suas respostas dizendo que a praça é um ponto de encontro bastante antigo, fato ressaltado principalmente pelas pessoas de mais idade, como pode ser observado pela resposta de um senhor de 79 anos, aposentado e que mora no bairro Parque Pinheiro Machado: “Ela, a praça, é um lugar de movimento, de encontro com os colegas de hoje e de antigamente”.

Outro relato que chama atenção foi o de um senhor de 39 anos de idade, pedreiro, morador da vila Schirmer, que além de reforçar a resposta acima, retrata a toponímia expressa por Tuan (1980): “Me criei aqui, gosto do verde é o único lugar que se têm contato com a natureza, é um lugar de vai e vem das pessoas, todo mundo passa aqui”.

Outras sete pessoas mencionaram ter preferência pela praça, pelo fato dela ser bastante movimentada, e por ser sede de inúmeros eventos de diversão e cultura (feira do livro, Santa Maria vídeo e cinema, shows de finais de ano, feiras de artesanatos e de produtos coloniais da cidade e região). Quanto a estes aspectos, nota-se que os entrevistados mais jovens responderam gostar do movimento e da diversão que ocorre na praça, enquanto que as feiras de artesanatos e de produtos coloniais, que são realizadas uma vez ao mês durante uma semana, foram apontados em sua maioria pelas mulheres.

4.2.2 A paisagem do Calçadão Salvador Isaia

No segundo lugar na preferência dos entrevistados, o popularmente conhecido “Calçadão da Bozano” foi a resposta dada por 19 dos 150 entrevistados. As justificativas apresentadas por 15 deles, definem o calçadão como uma paisagem agradável pelo fato de ser uma área de intenso fluxo de pessoas, de mercadorias e serviços.

A maioria dos inquiridos que deram estas justificativas tem idades entre 15 e 25 anos. Segundo eles o Calçadão é considerado um ponto de encontro entre os amigos (Figura 2). Este aspecto pode ser observado mediante a resposta de um estudante de 23 anos que mora no Bairro Urlândia: “gosto do calçadão pelo movimento, é um ponto de encontro dos amigos”, assim como a de outro estudante de 18 anos, que mora no bairro Nossa Senhora das Dores em que o sentimento topofílico pela paisagem vivida e experienciada do Calçadão parece estar mais explícito: “É de fácil acesso e é o lugar que eu freqüento”.

Nota-se ainda que a maioria dos entrevistados com idades superiores aos 25 anos, atribui ao calçadão outras características que, segundo eles, o tornam uma paisagem urbana agradável. Como exemplo, tem-se seis inquiridos, quatro mulheres e dois homens, que justificaram gostar mais da paisagem do calçadão devido a sua diversidade comercial e pelo visual das lojas.

4.2.3 A paisagem do Parque Itaimbé

A terceira paisagem do bairro Centro de Santa Maria a despertar sentimentos topofílicos é a paisagem do Parque Itaimbé, que foi mencionada por 16 dos 150 entrevistados. Ao analisar o porquê da escolha, a maioria dos entrevistados a justifica pelo fato dela ser uma área de lazer em meio à cidade onde a presença da natureza é marcante, o que a torna bonita (Figura 3). Segundo os inquiridos, esse ambiente natural proporciona uma sensação de tranquilidade e afeição. Estas justificativas podem ser entendidas se considerar o ambiente urbano que o homem moderno vive, trabalha

e se relaciona, principalmente com os objetos ao seu redor. Esses ambientes são, na sua maioria, caóticos e estressantes, aspectos que de certa forma refletem as características de uma sociedade urbana moderna.



Figura 2. Fotografia do Calçadão Salvador Isaia vista no sentido leste/oeste (local de convívio entre diferentes faixas etárias).

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, mar. de 2007

As considerações acima podem ser fundamentadas pelas colocações de Kohlsdorf (1996), onde a autora destaca que certos fenômenos ao despertarem o interesse humano, lhes confere automaticamente a propriedade de agirem sobre o observador, portanto, conclui a autora, as paisagens não são inertes, sendo que cada lugar vivenciado contém determinadas características que estimulam conhecê-lo. Isto explica, em parte, a relação existente entre a paisagem contemplada do Parque Itaimbé e sensação de paz e tranquilidade exercida sobre todos aqueles que o escolheram.

Aparece, pela primeira vez, entre as paisagens topofílicas mais marcantes do bairro Centro de Santa Maria um fator diferenciado que, até então, não ocorreria: ao cruzar as respostas obtidas com o local de moradia dos informantes; observa-se que metade dos entrevistados que escolheram a paisagem do Parque Itaimbé como sendo a mais agradável moram no Bairro

ou em suas imediações. Fica evidente, portanto, que são aqueles que a tem como parte integrante de seu mundo vivido, do seu cotidiano e que certamente mais dele usufruem é que o elegeram a sua paisagem topofílica.



Figura 3. Fotografia do Parque Itaimbé (vista no sentido sul/norte).
Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, mar. de 2007.

Quanto ao sexo, observa-se que, dos 16 que o mencionaram 11 eram homens e apenas cinco eram mulheres, e isto se deve em parte ao receio das mulheres em freqüentar o Parque Itaimbé, pois frequentemente aparece nos noticiários de comunicação local os assaltos e as degradações ao patrimônio público cometidos por delinqüentes e vândalos naquela área.

No que se refere à faixa etária, dos 16 que escolheram o parque, 10 apresentam idades entre 20 e 30 anos, o que leva crer que são os jovens santamarienses que mais o apreciam, originado sentimentos topofílicos em relação à paisagem do Parque Itaimbé.

Ainda figuram entre as paisagens topofílicas do bairro Centro da cidade a Paisagem da Catedral Diocesana de Santa Maria e a Praça da Locomotiva na Av. Presidente Vargas que foram mencionadas por 07 e 06 indivíduos respectivamente.

4.3 Análise topofóbica da paisagem urbana de Santa Maria

4.3.1 A paisagem da Praça Saldanha Marinho

Embora a paisagem da praça tenha sido eleita também a mais agradável do bairro Centro, ela foi, por outro lado, lembrada por 24 dos 150 entrevistados como um cenário urbano que evoca sentimentos topofóbicos. Esse sentimento antagônico em relação à paisagem da praça pode ser compreendido mediante as colocações de Oliveira (1983), que destaca o fato de que, psicologicamente, cada pessoa tem uma percepção do meio ambiente e da sua qualidade. As idéias de Oliveira (1983) permitem afirmar que pessoas diferentes têm percepções diferentes e que os processos perceptivos sofrem influências da cultura, idade, sexo entre outros fatores. Ao justificarem o porquê da escolha, observa-se que 12 das 24 pessoas que a mencionam dizem não gostar dela devido ao fato de ali encontrarem alguns aspectos que julgam ser desagradáveis, como a falta de estrutura e cuidado, principalmente no que diz respeito à segurança e iluminação pública, cuja ausência tem, segundo os entrevistados, contribuído para a investida de vândalos e ladrões naquela área.

Desta forma, a paisagem da Praça tem sido para alguns uma paisagem do medo, principalmente ao cair da noite. Um típico exemplo de sentimento topofóbico (aversivo) foi o dado por um senhor de 34 anos de idade que mora no bairro João Goulart que, ao justificar porque não gosta da paisagem da Praça, faz a seguinte afirmação: “não gosto porque é muito perigoso à noite, não dá nem para passar”. Em outras justificativas foi à percepção visual que prevaleceu, pois, de acordo com 07 dos 24 entrevistados é a presença constante de feiras e camelôs naquela área que a deixam feia, sem atrativos, poluída visualmente. Tal asserção é facilmente explicada pela justificativa prestada por um estudante de 22 anos, que mora no bairro Tancredo Neves: “Não gosto porque tem muitos vendedores ambulantes espalhados pelo local, e não fica uma imagem legal para a cidade” (Figura 4).

Também foi na percepção negativa da paisagem da Praça que surgiu, explicitamente e pela primeira vez neste trabalho, a percepção olfativa, manifestada por cinco das 24 pessoas que declararam aversão a sua imagem.

As cinco justificaram não gostar da paisagem da praça devido à lembrança do mau cheiro que exala do banheiro público. Destaca-se, ainda, que tal aspecto fora mencionado por quatro mulheres e um homem com idades variadas e que o resultado obtido vem ao encontro do conhecimento popular de que a percepção olfativa das mulheres é mais desenvolvida do que a dos homens.

Em linhas gerais os resultados acima mencionados apontam para a presença de um ou mais órgãos sensoriais que podem ou não ser usados durante o ato perceptivo.



Figura 4. Fotografia da concentração de vendedores ambulantes e feirantes na Praça, o que provoca em alguns sentimentos aversivos.
Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, fev. de 2007.

Em linhas gerais os resultados acima mencionados apontam para a presença de um ou mais órgãos sensoriais que podem ou não ser usados durante o ato perceptivo.

4.3.2 A paisagem do Calçadão Salvador Isaía

O conjunto que forma a paisagem do Calçadão contém em sua estrutura aspectos que despertam sentimentos aversivos em algumas pessoas como a falta de cuidado, manutenção e limpeza. Estes aspectos foram mencionados por 10 das 18 pessoas que disseram ter algum tipo de aversão com a referida paisagem. Ao cruzar os dados acima com a idade e sexo dos entrevistados observa-se que todos aqueles que a mencionaram como uma paisagem topofóbica em virtude de ser feia, suja, e mal cuidada foram mulheres com idades inferiores aos 32 anos. Este resultado reforça, mais uma vez, a idéia de que as mulheres são mais detalhistas que os homens, talvez reflexo cultural da forma em que foram criadas ou ainda pela carga genética recebida. E o fato de serem mulheres jovens ratifica o exposto na análise topofóbica do Calçadão, ou seja, que são os jovens os que mais freqüentam aquela paisagem.

A dinamicidade do Calçadão também causa sentimentos

topofóbicos, pois 5 das 18 pessoas que o escolheram relatam que o intenso fluxo de pessoas que se aglutinam naquela área a deixam caótica, estressante, extremamente movimentada e com pouco espaço para caminhar. Outras três pessoas dizem não gostar da paisagem do Calçadão pelo fato de apresentar elementos humanos que escancaram a desigualdade social existente no país, como mendigos e indigentes (inclusive índios). Neste sentido, deve-se destacar que a paisagem urbana é, de acordo com Oliveira (2006), constituída de objetos urbanos variados e de pessoas de diferentes procedências, que vivem em espaços segregados, dando origem à expressão “os excluídos”. Os excluídos são aqueles que não estão inseridos na sociedade do bem-estar e que não desfrutam da modernidade, da cidadania, como é o caso dos índios e de outros indigentes que perambulam pelo Calçadão de Santa Maria (Figura 5).



Figura 5. A mendicância de índios no Calçadão provoca topofobias.
Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, maio de 2007.

4.3.3 A paisagem da antiga Rua 24 Horas

Esta rua foi a resposta de 15 entre os 150 sujeitos ouvidos pela pesquisa. Ao buscar explicações sobre o porquê da paisagem ser considerada topofóbica, percebe-se que as justificativas apresentadas não variaram muito, ficando, a maioria delas, restrita aos problemas estruturais da rua, sobretu-

do após a retirada de sua antiga estrutura que era ocupada por lojas comerciais.

A aversão por esta rua é em grande parte justificada pelo fato dela ter ficado vazia, sem utilidade certa, pois hoje não se sabe o que ela representa se é de fato uma rua ou se é um calçadão. Esta foi a justificativa apresentada por 12 dos 15 entrevistados que por ela declararam ter algum tipo de topofobia. Além disso, os mesmos entrevistados acrescentaram ainda, a falta de cuidado e manutenção da rua, já que grande parte da calçada encontra-se quebrada, cheia de lixo, sujeira, e com uma aparência horrível (Figura 6).



Figura 6. Fotografia da Antiga Rua 24 Horas no sentido oeste/leste retratando a falta de limpeza e manutenção.

Foto: ALMEIDA, Alcionir Pazatto, mar. de 2007.

Outros três informantes disseram não gostar dela por ser uma rua sem acesso, fechada e que o espaço antes ocupado poderia ser aproveitado melhor, o que hoje já está sendo feito, pois o projeto de reformulação da área oferecido pela prefeitura, foi aprovado e encontra-se em fase de construção. Quanto ao sexo, foram as mulheres as que mais lembraram da paisagem da antiga Rua 24 Horas (sendo 9 mulheres e 6 homens). Percebeu-se, ainda, que entre os 15 indivíduos que manifestaram ter algum tipo de aversão à paisagem da antiga Rua 24 Horas, 10 eram jovens com idades entre 15 e 27, visto serem os que provavelmente mais usam e freqüentam aquela área.

Destaca-se que as paisagens da Av. Rio Branco, Largo da Estação

Ferrovária e a do prédio abandonado na Av. Rio Branco também figuram entre as paisagens topofóbicas do bairro Centro da cidade, sendo mencionadas por 10, 08 e 06 indivíduos respectivamente.

5. A imagem símbolo de Santa Maria-RS

Entre os marcos espaciais que hoje emergem como símbolos (ícones) da paisagem urbana da cidade, está a imagem do Calçadão Salvador Isaias, mencionado por 41 dos 150 sujeitos ouvidos no trabalho de campo. Como foi a paisagem urbana mais lembrada é, portanto, a mais expressiva no imaginário visual dos santamarienses. A lembrança desta paisagem pode ser traduzida por uma provável identificação dos inquiridos para com aquele espaço urbanizado, ora devido a sua importância econômica, ora pelo convívio diário destas pessoas que por ali circulam diariamente. Sabe-se que o Calçadão da Bozano, nome carinhosamente dado pelos santamarienses, é desde a sua implantação o pulsar econômico do comércio varejista da cidade (Figura 7). Desta forma, o Calçadão da Bozano é passagem obrigatória para qualquer pessoa que vá ao Centro da cidade, pois além de abrigar uma gama de opções comerciais, serve também como via de acesso para as principais ruas e avenidas da área mais Central da cidade (Rua Dr. Bozano, Rua Floriano Peixoto, Rua do Acampamento, Av. Venâncio Aires e Av. Rio Branco).



Figura 7. Fotografia do Calçadão da Bozano (a imagem símbolo da cidade de Santa Maria).
Foto: ALMEIDA, Acionir Pazatto, fev. de 2007.

Há de se destacar, também, o fato do Calçadão ser local de constantes manifestações partidárias, estudantis, comunitárias e grevistas, que de tempos em tempos, emanam gritos de ordem por melhores condições de trabalho, salário e justiça social.

6. Considerações finais

Durante a análise topofílica e topofóbica, pode-se constatar que as paisagens da Praça e Calçadão estão tanto entre as mais agradáveis quanto as mais desagradáveis do espaço central da cidade. Esta ambigüidade fora justificada pelos argumentos apresentados, onde todos; sem exceção, mencionaram elementos desencadeadores de topofobias como o lixo, a degradação e a sujeira presentes nos espaços públicos da cidade.

A ambigüidade de sentimentos topofílicos e topofóbicos apresentados pode ser facilmente resolvidos mediante a elaboração de uma política séria de planejamento, gerenciamento e manutenção das áreas públicas da cidade.

Acredita-se que tais políticas ao serem colocadas em práticas minimizariam os problemas estruturais da paisagem urbana de Santa Maria, sobretudo as do bairro Centro, objeto de estudo deste trabalho. Os resultados da pesquisa permitiram também conhecer e reconhecer o espaço urbano da cidade e com isto, detectar algumas de suas principais carências, como a falta de áreas verdes e públicas de lazer que foram no decorrer dos trabalhos de campo, a maior reivindicação apresentada pelos entrevistados.

Salienta-se ainda que o conhecimento do bairro Centro da cidade através de sua paisagem vivida apresentou um rol de significações e aspirações, pois como coloca Tuan (1980), o conhecimento de uma cidade varia muito de indivíduo para indivíduo, pois depende antes de tudo do que as pessoas vão nela procurar: alimentação, moradia, saúde, educação, trabalho ou lazer. Apesar disto, cada entrevistado demonstrou ter uma imagem mais forte, mais marcante, que mesmo filtrada por percepções individuais e valores culturais diferentes, culminou em um retrato fiel do Centro de Santa Maria. Este retrato é, segundo os resultados da pesquisa, representado pela paisagem do Calçadão Salvador Isaias, espontaneamente aclamada como a imagem símbolo da cidade, pois identifica claramente a vida econômica, cultural e social da cidade.

Entretanto, a de se destacar que as paisagens urbanas não são estáticas, mas sim, transformadas quase que diariamente a fim de atender as novas exigências da sociedade. Assim, as paisagens topofílicas de hoje, podem não ser as mesmas de amanhã, assim como aquelas que são preteridas hoje podem se tornar agradáveis futuramente. A este respeito, deve-se destacar a crescente tomada de consciência por parte de profissionais envolvidos com a questão ambiental e ao planejamento, em resgatar áreas até en-

tão degradadas. Sobre este aspecto, Amorim Filho (1996) diz que no mundo inteiro, até mesmo no Brasil, apesar de incipiente multiplicam-se as ações de resgate, reabilitação ou restauração de lugares, paisagens e conjuntos ambientais. Para caracterizar essas ações, o autor propõe, a título exploratório, o termo “topo-reabilitação”; que são medidas necessárias para a melhoria da qualidade de vida dos homens, manutenção da sua memória e preservação de sua identidade cultural.

É neste contexto, que algumas paisagens urbanas do bairro Centro de Santa Maria se enquadram, pois tanto a paisagem da antiga Rua 24 Horas como da Estação Ferroviária, consideradas pela pesquisa como topofóbicas encontram-se hoje, em fase de “topo-reabilitação”; a primeira está sendo revitalizada para se tornar uma espécie de Calçadão, com bancos, floreiras e espaços de lazer; a segunda, está sendo restaurada para abrigar o futuro “Museu do Ferroviário” que será dedicado a história da ferrovia na cidade.

7. Bibliografia

AMORIM FILHO, O. B. Topofilia, Topofobia e Topocídio em Minas Gerais. In: Del Rio, V.; OLIVEIRA, L. (Orgs.) *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel e UFSCAR, 1996. p.139-152.

BLEY, L. *Percepção do Espaço Urbano: O centro de Curitiba*. 1982. 186p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UNESP/Campus de Rio Claro, Rio Claro, 1982.

_____. *Morretes – Estudo da paisagem valorizada*. 1990. 215p. Tese (Doutorado em Geografia) – UNESP/Campus de Rio Claro, Rio Claro, 1990.

CABRAL, L. O. A paisagem enquanto fenômeno vivido. *Geosul*, Florianópolis, v.15, n.30, p.34-45, jul./dez. 2000.

CARLOS, A. F. A. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 1992.

COLLOT, M. Pontos de vista sobre a percepção das paisagens. *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro, v.20, n.39, p.21-32, 1990.

CORRÊA, R.L.; ROSENDHAL, Z. (Orgs.). *Paisagem, Textos e Identidade*. Rio de Janeiro: Ed da UERJ, 2004.

DARDEL, E. *L'homme et la terre – Nature de la Réalité Géographique*. Paris: Press Universitaires de France, 1952.

DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Orgs). *Percepção Ambiental: A experiência brasileira*. São Paulo: Editora da UFSCar, 1996.

GILES, T. R. *História do Existencialismo e da Fenomenologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1975.

HOLZER, W. A Geografia Humanista Anglo-Saxônica: De suas origens aos anos 90. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v.55, n.1/4, p.109-139, jan./dez. 1993.

_____. A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel. In: ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2001. p. 105-125.

HUSSEL, E. *A crise da Humanidade Européia e a Filosofia*. Tradução: Urbano Zilles. Porto Alegre: Ed. da PUCRS, 1996.

KOHLSDORF, M. E. *A Apreensão da Forma da Cidade*. Brasília: Ed. da Unb, 1996.

LYNCH, K. *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACHADO, L. M. C. P. *A serra do mar Paulista: Um estudo de paisagem valorizada*. 1988. 312p. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro-SP. 1988.

_____. Percepção de Paisagem e Conflitos Sociais na Serra do Cubatão/SP. *Boletim de Geografia*, Maringá/UEM, ano 08, n.01, p. 41-51, set.1990.

OLIVEIRA, L. A *Percepção da Qualidade Ambiental. A Ação do Homem e a Qualidade Ambiental*. Rio Claro: Instituto de Geociências e Ciências Exatas/UNESP, 1983.

_____. *Percepção e Paisagem da Cidade*. In: I ENCONTRO DE PERCEPÇÃO E PAISAGEM DA CIDADE. Bauru: UNESP, 2006. 1 CD-ROM.

SARTORI, M. G. B. *Clima e Percepção* Vol.2. 2000. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia/FFLCH/USP, São Paulo, 2000.

SAUER, Carl. O. *The education of a geographer*. Ann. Assoc. Amer. Geogr., v.46, 289–299, 1956.

SUERTEGARAY, D. M. A. Notas sobre epistemologia da geografia. *Cadernos Geográficos*. Florianópolis: Ed.da Universidade Federal de Santa Catarina. 2005.

STEFANELLO, A.C.; SILVEIRA, M. A. T. *Percepção Geográfica de Riscos Naturais*. Um Estudo dos Balneários Turísticos de Caiobá e Flamingo em Matinhos/PR. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE

GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE. 2005, Londrina, 2005.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

_____. Geografia Humanística. In: *Perspectiva da Geografia*.

WHYTE, A. V. *Guidelines for Field Studies in Environmental Perception: Technical Notes 5*. França: UNESCO, 1977.